

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ELBIO EDUARDO GUERRERO DA ROSA

**NIETZSCHE E A EDUCAÇÃO: AUTONOMIA COMO EXERCÍCIO DA  
VONTADE DE POTÊNCIA.**

CURITIBA

2017

ELBIO EDUARDO GUERRERO DA ROSA

**NIETZSCHE E A EDUCAÇÃO: AUTONOMIA COMO EXERCÍCIO DA VONTADE  
DE POTÊNCIA.**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Filosofia da Educação da Universidade Federal do Paraná como requisito à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Delcio Junkes

CURITIBA

2017

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

ELBIO EDUARDO GUERRERO DA ROSA

### **NIETZSCHE E A EDUCAÇÃO: AUTONOMIA COMO EXERCÍCIO DA VONTADE DE POTÊNCIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Filosofia da Educação da Universidade Federal do Paraná como requisito à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação, pela seguinte banca examinadora:

---

Prof. Dr. Delcio Junkes - Orientador  
Universidade Federal do Paraná

---

Prof. Dr. Celso Pinheiro  
Universidade Federal do Paraná

---

Prof. Dr. Gelson João Tesser  
Universidade Federal do Paraná

Curitiba, 06 de dezembro de 2017.

*Deito-me ao comprido na erva  
E esqueço tudo quanto me ensinaram.  
O que me ensinaram nunca me deu mais calor nem mais frio.  
O que me disseram que havia nunca me alterou a forma de uma coisa.*

*O que me aprenderam a ver nunca tocou nos meus olhos.  
O que me apontaram nunca estava ali: estava ali só o que ali estava.*

Alberto Caeiro [Fernando Pessoa].

*A aprendizagem que me deram,  
Desci dela pela janela das traseiras da casa.*

Alvaro de Campos [Fernando Pessoa].

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as principais reflexões sobre educação de Friedrich Nietzsche. Serão explanados, num primeiro momento, alguns conceitos de fundamental importância na concepção do filósofo, como: vontade de potência e niilismo. Num segundo momento tratar-se-á do pensamento de Nietzsche em relação ao problema da linguagem e da verdade. Finalmente apresentar-se-ão as principais críticas do filósofo às instituições de ensino do seu tempo e suas reflexões acerca de como deveria de ser uma proposta de educação cuja finalidade fosse a elevação cultural dos indivíduos, a qual se fundamentaria na possibilidade destes se tornarem livres e autônomos pelo exercício da vontade de potência.

**Palavras-chave:** Nietzsche; Educação; Niilismo; Verdade; Vontade de potência; Liberdade; Autonomia.

## RESUMEN

Este trabajo tiene por objetivo presentar las principales reflexiones de Friedrich Nietzsche sobre educación. Serán explanados, en un primer momento, algunos conceptos de importancia fundamental en su filosofía, como: voluntad de poder y nihilismo. En un segundo momento serán presentados los principales argumentos del autor relacionados al lenguaje y a la verdad. Finalmente serán presentadas las principales críticas hechas por Nietzsche a las instituciones de enseñanza de su tiempo y sus reflexiones acerca de como debería de ser una propuesta educacional cuya finalidad fuese la elevación cultural de los individuos, la cual se fundamentaría en la posibilidad de que estos se tornasen libres y autónomos mediante el ejercicio de la voluntad de poder.

**Palabras-clave:** Nietzsche; Educación; Nihilismo; Verdad; Voluntad de poder; Libertad; Autonomía.

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>1. A VONTADE DE POTÊNCIA COMO CONSTITUIÇÃO ESSENCIAL DA REALIDADE E O NIILISMO OCIDENTAL.....</b>	<b>14</b>
<b>2. NATUREZA HUMANA, LINGUAGEM E INSTINTO DE VERDADE COMO REAÇÃO CONTRA A VIDA .....</b>	<b>21</b>
<b>3. VONTADE DE POTÊNCIA, LIBERDADE E AUTONOMIA: POR UMA EDUCAÇÃO AFIRMADORA DA VIDA.....</b>	<b>34</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>48</b>

## INTRODUÇÃO

Parte fundamental da reflexão filosófica de Friedrich Nietzsche (1844-1900) se debruça sobre as questões afins ao conhecimento, à razão, ao conceito e à verdade.<sup>1</sup>

Seu interesse principal foi realizar uma crítica radical ao conhecimento racional existente desde o surgimento do pensamento filosófico socrático-platônico.<sup>2</sup> Em Nietzsche, a ciência é considerada, por primeira vez, como problemática, suspeita e questionável.<sup>3</sup> E esta crítica à ciência realizada pelo filósofo é, no fundo, uma crítica à ideia de verdade vista como um ideal, como um valor superior.<sup>4</sup>

Nietzsche valorizará, em sua obra, a arte trágica, mediante a qual combate a pretensão, característica da ciência, de criar uma dicotomia entre a verdade e o erro. Para o filósofo, o espírito científico, nascido com a filosofia socrático platônica na Grécia clássica, e que dará início ao período racional que se estende até a modernidade, se fundamenta na repressão da arte trágica da Grécia arcaica,<sup>5</sup> e será a partir de tal modelo (da arte trágica), que Nietzsche colocará em questão a racionalidade, ao destacar seu nascimento, afirmando a positividade da arte como rementendo a uma experiência trágica da vida. Para os gregos do período arcaico a experiência artística “é superior ao conhecimento racional”, tendo a arte valor superior à verdade.<sup>6</sup>

Para Nietzsche, o surgimento do pensamento socrático platônico implica o início de um processo de decadência que se estende até a contemporaneidade, o qual é consequente da desvalorização dos instintos e da super valorização da razão, a repressão da sabedoria instintiva pelo saber racional.<sup>7</sup>

---

<sup>1</sup> MACHADO, 1996, p. 7.

<sup>2</sup> MACHADO, 1996, p. 7.

<sup>3</sup> MACHADO, 1996, p. 7.

<sup>4</sup> MACHADO, 1996, P. 7.

<sup>5</sup> MACHADO, 1996, p. 8.

<sup>6</sup> MACHADO, 1996, p. 8.

<sup>7</sup> MACHADO, 1996, p. 8.



Ao explicar a origem da tragédia grega, Nietzsche utilizará como base os conceitos apolíneo e dionisíaco, os quais relacionará com a estrutura humana. Apolíneo representa a medida e a consciência de si do homem. O termo apolíneo remete a Apolo, deus da beleza, cujos principais lemas são “Conhece-te a ti mesmo” e “Nada em demasia”. A concepção apolínea do mundo está ligada à ideia da criação de uma proteção contra a dimensão trágica da existência.<sup>8</sup> A dimensão dionisíaca, que remete a Dionísio, contrariamente, representa a possibilidade de ultrapassar a dimensão apolínea. Ao invés de “medida, delimitação, calma, tranquilidade” e serenidade, a dimensão dionisíaca representa a desmesura e a desmedida. Ao invés da consciência de si, da ordem racional, Dionísio representa, para Nietzsche, a desintegração do eu, a entrega ao êxtase, o entusiasmo e a loucura.<sup>9</sup> Mas Nietzsche não pretende contrapor os dois princípios, senão reconciliar os mesmos como dimensões fundamentais da estrutura humana.<sup>10</sup>

O problema do pensamento filosófico socrático platônico, segundo Nietzsche, estaria em que, a partir de Sócrates, a dimensão dionisíaca do homem ficou submetida à dimensão apolínea, representante da racionalidade. Para Sócrates, “Só aquele que sabe é virtuoso” ou “Tudo deve ser consciente para ser bom”, concepção que levou à depreciação do que é inconsciente e instintivo.<sup>11</sup>

Desta maneira, a tendência socrática foi, para Nietzsche, a responsável pelo desaparecimento do saber trágico. Para o artista trágico a experiência dionisíaca estava indissolúvelmente ligada à aparência apolínea, ou seja, eram consideradas como fundamentais ambas as dimensões da experiência humana, a razão e os instintos. Mas, a sabedoria socrática, criadora do espírito científico, fez prevalecer a razão e a crença de ser possível, ao atribuir à verdade um valor superior aos instintos, a cura das feridas da existência.<sup>12</sup>

---

<sup>8</sup> MACHADO, 2005, p. 7.

<sup>9</sup> MACHADO, 2005, p. 8.

<sup>10</sup> MACHADO, 2005, p. 8.

<sup>11</sup> MACHADO, 2005, p. 10.

<sup>12</sup> MACHADO, 2005, p. 11.

Por isto, Nietzsche afirma: “Reconheci Sócrates e Platão como sintomas de declínio, como instrumentos da decomposição grega [...]”<sup>13</sup>. Para Nietzsche, portanto, a filosofia socrático platônica representa a origem do declínio da cultura ocidental. Sócrates, na compreensão de Nietzsche, foi um pessimista, como afirma no aforismo 340 de *A Gaia Ciência*:

“[...] terá sido a morte, ou o veneno, ou a piedade, ou a malícia – alguma coisa lhe desatou naquele instante [da morte] a língua e ele [Sócrates] falou: ‘Oh, Críton, devo um galo a Asclépio’<sup>14</sup>. Essa ridícula e terrível última palavra quer dizer, para aqueles que têm ouvidos: ‘Oh, Críton, a vida é uma doença!’. [...] Ele havia apenas feito uma cara boa para a vida, o tempo inteiro ocultando seu último juízo, seu íntimo sentimento! Sócrates, Sócrates sofreu da vida!” [...].<sup>15</sup>

Mas, para Nietzsche, o que caracteriza a vida é que ela seja essencialmente vontade de potência, e dizer que a vida é vontade de potência significa que a mesma é um constante vir a ser, transformação. A essência da vida é a ausência de qualquer essência. O que se percebe sempre no modo de ser de todo o que vive, para Nietzsche, é a busca por expansão, superação e crescimento.<sup>16</sup> Sendo assim, toda verdade é um valor que deve ser dessacralizado ao ser desvelado seu surgimento como simples criação humana. A verdade remete, pensa o filósofo, à necessidade humana de duração e estabilidade.<sup>17</sup>

A super valorização da verdade e a negação da dimensão dionisíaca da vida, da vontade de potência, dos instintos, representam, para Nietzsche, a causa do niilismo. Em sua obra: *Vontade de potência*, afirma: “Niilismo, falta a finalidade: a resposta à pergunta ‘para que?’ Que significa niilismo? Que os valores superiores

---

<sup>13</sup> NIETZSCHE, 2001, p. 15.

<sup>14</sup> “Asclépio era o deus da medicina (o símbolo atual da medicina, uma serpente enrolada num pau, era uma das insígnias de Asclépio) [...]. Ao dizer, no leito de morte, que deve um presente a esse deus, Sócrates estaria dando a entender que foi curado de uma doença. O episódio é relatado por Platão nas últimas páginas do *Fédon*. Cf. NIETZSCHE, 2012, p. 299, nota 84.

<sup>15</sup> NIETZSCHE, 2012, p. 204.

<sup>16</sup> MOSÉ, 2014, p. 33.

<sup>17</sup> MOSÉ, 2014, p. 31.

se desvalorizam”.<sup>18</sup> E mais adiante afirma: “a crença nas categorias da razão é a causa do niilismo – temos medido o valor do mundo de acordo com as categorias que se relacionam com um mundo puramente fictício”.<sup>19</sup> A consequência do niilismo é o desespero dos homens e o pessimismo em relação à vida: “a vida não vale a pena ser vivida”; ‘ressignação’, ‘que adiantam as lágrimas?’ – eis aqui uma argumentação débil e sentimental” [...].<sup>20</sup> E em *Assim Falava Zaratustra*, afirma:

“Vi uma grande tristeza descer sobre os homens. Os melhores deles cansaram-se das suas obras. Uma doutrina começou a circular acompanhada de uma crença: ‘tudo é vazio, tudo é igual, tudo foi!’ [...] ‘Em verdade já estamos demasiado cansados para morrer; continuaremos vivendo em câmaras sepulcrais’”.<sup>21</sup>

O presente trabalho tem por objetivo, num primeiro momento, apresentar os principais traços do pensamento filosófico de Friedrich Nietzsche, principalmente sua concepção da vida como sendo essencialmente vontade de potência, ou seja, como a impossibilidade de qualquer identidade, pois se a vida é vontade de potência, é um constante movimento, vir a ser, transformação. Em seguida tentar-se-á apresentar o conceito nietzscheano de niilismo, como sendo a consequência da tentativa humana de avaliar a vida a partir da criação de valores alheios e superiores à própria vida.

Num segundo momento apresentar-se-á o pensamento do filósofo em relação à ideia de verdade. Para Nietzsche, a história do pensamento ocidental reflete a história do desenvolvimento da ideia de verdade. Tal ideia se fundamentaria na necessidade humana de encontrar um princípio irreduzível na realidade, um princípio que coloque em ordem o devir, a constante transformação que a vida apresenta. Ver-se-á que, para o filósofo, toda verdade é criada pelos homens através de uma interpretação e consequente valoração da realidade. Mas,

---

<sup>18</sup> NIETZSCHE, 2017, p. 147.

<sup>19</sup> NIETZSCHE, 2017, p. 152.

<sup>20</sup> NIETZSCHE, 2017, p. 165.

<sup>21</sup> NIETZSCHE, 2011, p. 137-138.

se a vida é vontade de potência, como já afirmado, toda verdade que não seja marcada pelo devir, para Nietzsche, é mera ilusão.

Além disto, tratar-se-á sobre como o ser humano cria tais verdades, o que para o filósofo acontece pela identidade que os homens acreditam existir entre a linguagem e as coisas que a mesma pretende nomear ou conceituar, sendo, a verdade, a interpretação antropológica da realidade que foi elevada a valor absoluto e imposta como moral do rebanho e como reguladora das diferenças entre os indivíduos, visando a eliminar as diferenças entre os mesmos, o que Nietzsche chama de instinto de rebanho.

Num terceiro momento, apresentar-se-ão as reflexões do filósofo sobre a educação e as críticas que o mesmo fez às instituições de ensino do seu tempo, visando a encontrar, em tais críticas, pontos que possam ser relacionados com a educação na contemporaneidade. Finalmente tentar-se-á mostrar o pensamento do filósofo como um caminho para uma educação que não esteja fundamentada na necessidade de satisfação de interesses políticos e econômicos, senão que vise à liberdade e autonomia dos indivíduos, as quais seriam possíveis pelo exercício da vontade de potência dos mesmos.

## 1. A VONTADE DE POTÊNCIA COMO CONSTITUIÇÃO ESSENCIAL DA REALIDADE E O NIILISMO OCIDENTAL

Para Nietzsche, a vida é vontade de potência. Assim o afirma em Assim falava Zaratustra: “onde encontrei vida encontrei vontade de potência”.<sup>22</sup> Tal afirmação significa que toda manifestação de vida implica uma relação de forças, uma guerra. Para Nietzsche: “tudo o que ocorre, todo movimento, todo vir-a-ser, é um constatar de relações de graus de forças, um combate”.<sup>23</sup> Tal concepção de vontade de potência remete toda manifestação de vida a um confronto que visa à expansão, crescimento e superação, constitutivo de todo o que vive. A busca por expansão e crescimento, pensa Nietzsche, está presente “na vida e no modo de ser de todo vivente”. “Este segredo a própria vida me confiou: ‘vê’, disse, ‘eu sou aquilo que deve superar a si mesmo’”. “Algo vivo quer extravasar sua força”. Para Nietzsche, “é o exemplo de todo ser vivo que permite demonstrar, o mais claro possível, que ele faz tudo não para conservar-se, mas para tornar-se mais”.<sup>24</sup> A vontade de potência “tende à pureza e ao enobrecimento: de um degrau a outro”.<sup>25</sup>

Contrário a um espírito de conservação, o qual Nietzsche critica reiteradas vezes, a expansão é constitutiva de toda manifestação de vida, mas tal expansão encontra resistências. Para Nietzsche, “a vontade de potência só pode manifestar-se em face de resistências”. É o confronto expansão – resistência a característica da luta ou confronto que Nietzsche chama vontade de potência.<sup>26</sup> A vontade de potência é a característica “daquilo que constitui o caráter fundamental de todo ente”.<sup>27</sup>

Sendo assim, a luta se constitui como o modo de ser da vida. Toda manifestação de vida resulta sempre de uma “luta desigual”. Todas as formas são consequência de uma dominação. Se o que caracteriza a vida é a luta, o choque, o confronto consequente d’um movimento de expansão e resistência, então a vida é

---

<sup>22</sup> NIETZSCHE, apud, MOSÉ, 2014, p. 33. Cf. NIETZSCHE, 2011, p. 118; MARTON, 1996, p. 29.

<sup>23</sup> MOSÉ, 2014, p. 33.

<sup>24</sup> MOSÉ, 2014, p. 33.

<sup>25</sup> NIETZSCHE, 2013, p. 21.

<sup>26</sup> NIETZSCHE, 2013, p. 34.

<sup>27</sup> HEIDEGGER, 2000, p. 20. Cf. GIACOIA, s/ano, IDÉIAS PRINCIPAIS.

mudança constante, vir-a-ser, transformação.<sup>28</sup> A vida é, essencialmente, vontade de potência: “a essência da vida é vontade de potência”,<sup>29</sup> “a essência do mundo é vontade de potência”<sup>30</sup>, “a essência mais íntima do ser está na vontade de potência”,<sup>31</sup> o que significa que a essência da vida é “a impossibilidade de qualquer identidade”.

Vontade de potência remete à vida como resultante de uma luta de forças constantemente renovada, que afirma a transitoriedade de tudo que vive.<sup>32</sup> “Visto o mundo desde dentro, determinado e designado pelo caráter inteligível do mesmo, seria, justamente, vontade de potência e mais nada”.<sup>33</sup> Portanto, se fosse possível afirmar que alguma coisa é, a mesma seria, para Nietzsche, o movimento, o devir, o que determinaria que a “essência do ser é o não ser, a não essência”.<sup>34</sup>

A genealogia nietzscheana procura, portanto, utilizar a vida como critério avaliativo, e esta como vontade de potência. Sendo assim, é necessário que se aceite o erro como condição da mesma e a efemeridade de todo juízo de valor.<sup>35</sup> Para Nietzsche, os juízos de valor não implicam um problema em si mesmos, senão que a questão é em que medida tais juízos promovem ou conservam a vida.<sup>36</sup>

A partir de uma avaliação dos valores da cultura moderna, Nietzsche conclui que os mesmos são niilistas. “Que significa niilismo?”, pergunta o filósofo, “que os valores superiores se depreciam”.<sup>37</sup> Mas isto não significa, para Nietzsche, que seja necessário conformar-se com uma carência de valores, pois a desvalorização dos valores supremos dominantes até o momento não implica o final. Se trata de introduzir e retirar valores. Os valores não caducam por si mesmos, senão que o próprio homem os coloca e os retira do mundo em que os introduziu. O homem exerce um caráter ativo na criação e destruição de valores. O niilismo implica uma decadência de valores que foram colocados em algum lugar da existência. A

---

<sup>28</sup> HEIDEGGER, 2000, p. 20.

<sup>29</sup> MOSÉ, 2014, p. 38. Cf. NIETZSCHE, 2013, p. 62.

<sup>30</sup> MOSÉ, 2014, p. 38. Cf. NIETZSCHE, 2012, p. 113. Cf. MACHADO, 1999, p. 68.

<sup>31</sup> JASPERS, 1963, p. 343.

<sup>32</sup> MOSÉ, 2014, p. 39.

<sup>33</sup> JASPERS, 1963, p. 343.

<sup>34</sup> MOSÉ, 2014, p. 39.

<sup>35</sup> NIETZSCHE, 2012, p. 16. Cf. LEOPOLDO E SILVA, 2007, pp. 76-77.

<sup>36</sup> NIETZSCHE, 2012, p. 16. Cf. MOSÉ, 2014, p. 39.

<sup>37</sup> NIETZSCHE, 2017, p. 147. Cf. MOSÉ, 2014, p. 40; HEIDEGGER, 2000, p. 71.

destruição e colocação de novos valores não se relaciona com um mero desejo humano de destruir cegamente e tornar a inovar, senão que se fundamenta na necessidade de dar ao mundo um sentido afirmativo que não permita sua degradação na aceitação de uma proposta de passagem para um além mundo.<sup>38</sup>

É necessário um mundo que permita a possibilidade de que o homem estenda sua essência (que é vontade de potência)<sup>39</sup>. Para tal, é necessário um processo de transição no qual o mundo apareça como carente de sentido mas, ao mesmo tempo, exija novos valores. Para que isto aconteça é preciso perceber a causa primeira do niilismo. Só a partir da consciência da necessidade da superação de valores já não válidos, que significaria um niilismo intermediário, surgiria a vontade de superação.<sup>40</sup>

O niilismo moderno, para Nietzsche, é a consequência de um processo niilista há muito tempo radicado na história humana. O niilismo se fundamentaria numa avaliação da vida feita a partir de valores considerados como superiores à própria vida. O niilismo surgiu com a criação de tais valores, os quais ficaram desvalorizados no período moderno. A característica fundamental do niilismo é “a negação da vida em nome de uma outra vida, de um outro mundo”.<sup>41</sup>

Inventar fábulas sobre um outro mundo diferente deste não tem sentido a não ser que domine em nós um instinto de calúnia, de depreciação, de receio: neste caso, nos vingamos da vida com a fantasmagoria de uma “outra” vida distinta desta e melhor do que esta.<sup>42</sup>

Para Nietzsche, o niilismo se desenvolve em dois momentos históricos, a racionalidade clássica, representada pelo pensamento socrático platônico, e a modernidade científica e filosófica.

Sócrates, pensa Nietzsche, propõe um ideal de vida fundamentado na supervalorização da consciência e na desvalorização dos instintos, o que teria

---

<sup>38</sup> HEIDEGGER, 2000, p. 71.

<sup>39</sup> Ver notas 26, 27 e 28. Cf. HEIDEGGER, 2000, p. 72.

<sup>40</sup> HEIDEGGER, 2000, p. 72. Cf. GIACOLA, 2000, p. 15.

<sup>41</sup> MOSÉ, 2014, p. 40.

<sup>42</sup> MOSÉ, 2014, p. 40. Cf. NIETZSCHE, 2017 1, p. 23.

gerado uma contraposição entre pensamento e corpo, ser e devir. Ao considerar a supremacia da razão, a vida ficou submetida a avaliação. “Sócrates julga a vida pela ideia”. “O corpo, este campo de batalha de instintos e de paixões, deve ser negado pela razão”.<sup>43</sup>

A equação: Razão = Virtude = Felicidade diz meramente o seguinte: é preciso imitar Sócrates e estabelecer permanentemente uma luz diurna contra os apetites obscuros – a luz diurna da razão. É preciso ser prudente, claro, luminoso a qualquer preço: toda e qualquer concessão aos instintos, ao inconsciente, conduz para baixo.<sup>44</sup>

Com Platão, a negação da vida ficará mais explícita. Para Nietzsche, o maior erro de Platão é a divisão dos mundos: este mundo sensível, o mundo do devir, será diferenciado do mundo das ideias, o mundo do pensamento. Tal dualismo acabou submetendo a vida ao pensamento. O que Platão se propõe é afastar o que considera falso a partir da inteligibilidade, distinguindo o “erro” do sensível e instintivo, da verdade inteligível.<sup>45</sup>

Posteriormente, pensa Nietzsche, o Cristianismo se constituirá “platonismo para o povo”,<sup>46</sup> ou seja, sua versão vulgarizada,<sup>47</sup> pois com sua mensagem espiritualizada divulgou e enraizou, no pensamento do Ocidente, a proposta moral niilista de Platão.<sup>48</sup> Desta maneira, o Ocidente cristão passa a conceber o homem como inteiramente dependente da graça de Deus ou da igreja.<sup>49</sup> A consequência disto é que, como diz Jung,

O homem ocidental é cristão, independentemente da religião à qual pertença. Para ele, a criatura humana é algo de infinitamente pequeno, um quase nada... Como diz Kierkegaard, “o homem está sempre em falta diante de Deus”. A grande *potência* não é o homem, mas um *totaliter aliter*, o

<sup>43</sup> MOSÉ, 2014, p. 41. Cf. MACHADO, 1999, p. 31.

<sup>44</sup> MOSÉ, 2014, p. 41. Cf. NIETZSCHE, 2017 1, p. 18.

<sup>45</sup> MOSÉ, 2014, p. 42. Cf. GIACOIA, 2000, p. 22.

<sup>46</sup> NIETZSCHE, 2012, p. 9. HEIDEGGER, 2000, p. 73.

<sup>47</sup> GIACOIA, 2000, p. 22.

<sup>48</sup> MOSÉ, 2014, p. 42.

<sup>49</sup> Cf. JUNG, 2012, p. 18. Cf. RUSSELL, 2016, p. 419.



totalmente outro, absolutamente perfeito e exterior, a única realidade existente.<sup>50</sup>

Esta compreensão de si do homem do Ocidente independe da sua crença religiosa. A modernidade, para Nietzsche, é marcada pelo que ele chama “a morte de Deus”.<sup>51</sup> Em tal período os valores superiores, fundados na essência e no absoluto, foram substituídos por valores fundamentados na consciência e no sujeito. A racionalidade científica mata a Deus e substitui a fé na eternidade pela fé no futuro e no progresso.

Na contemporaneidade, Deus é substituído pelo dinheiro, o mundo, o conhecimento, a busca de domínio técnico, a prosperidade pública, poder político e conquistas em geral. Desta maneira, o homem do Ocidente continua procurando seu valor em coisas que lhe sejam dadas do exterior, a graça sempre provém de uma outra fonte, ela vem de fora e não da expansão da vontade de potência.<sup>52</sup> Como afirma Fromm:

O homem contemporâneo é, sem dúvida, passivo durante a maioria do seu tempo e lazer. É um consumidor eterno, que “aceita” bebidas, alimentos, cigarros, conferências, panoramas, livros, cinema – tudo isso é consumido, engolido. O mundo é um grande objeto de seu apetite, uma garrafa grande, uma maçã grande, um seio grande. O homem tornou-se o amamentado, o que espera sempre – e o eternamente desapontado.<sup>53</sup>

Mas uma vontade dominada é uma vontade privada daquilo que pode realizar, privada da sua possibilidade de expansão. Se a força não pode se expandir e ao mesmo tempo não pode ser detida, visto que força implica sempre expansão,

---

<sup>50</sup> JUNG, 2012, p. 19.

<sup>51</sup> “Para Nietzsche, a afirmação ‘Deus está morto’ faz referência ao Deus cristão, mas também ao mundo supra - sensível em geral. Deus é utilizado por Nietzsche para indicar o mundo das ideias e dos ideais. Desde o último período da filosofia grega e da interpretação cristã da filosofia platônica, o supra – sensível tem o mesmo valor que o mundo verdadeiro. Assim, a expressão ‘Deus está morto’ significa que o mundo supra sensível não tem força real, não envolve nenhum tipo de vida. A metafísica, ou seja, para Nietzsche, a filosofia ocidental entendida como platonismo, está no fim”. Cf. HEIDEGGER, apud, REALE, 201, p. 23; GIACOIA, 2000, p. 22.

<sup>52</sup> JUNG, 2012, pp. 18 - 19.

<sup>53</sup> FROMM, 1978, pp. 80 – 81.

então tal força torna-se contra si mesma, torna-se força reativa, vontade negativa de potência.

Vontade de potência faz referência a um movimento de forças que, no caso do homem, pode ser afirmativo ou negativo. Afirmar ou negar é próprio do homem, e é o medo da pluralidade e da mudança o que, para Nietzsche, impeliu os homens à criação de uma cultura fundamentada na negação. Para Deleuze, com o homem, “é o mundo inteiro que se arruína e se torna doente, é a vida na sua totalidade que é depreciada”.<sup>54</sup>

Ao falar de niilismo como negação da vida, Nietzsche refere-se a toda a história da metafísica que se construiu sobre tais fundamentos. A ideia de verdade visa a uma avaliação da vida. Toda verdade é expressão de um desejo de identidade, de essência e de ser; implica uma tentativa de negar o tempo em nome da eternidade, negar a vida em nome da não vida. Portanto, a fé na verdade científica e nas categorias da razão, surgida na modernidade, significaria um desdobramento do mundo das ideias platônico e do mundo celestial cristão. O niilismo surge da negação deste mundo em nome de um outro, primeiramente levada a cabo pelo mundo das ideias platônico e pelo reino de Deus cristão e, posteriormente, na modernidade, pela negação do mundo divino e sua substituição pela promessa de futuro fundamentada na fé na razão. O primeiro niilismo nega a vida em nome de um outro mundo (niilismo negativo). Posteriormente reage contra tal “outro mundo” mas mantém a negação deste mundo em nome da razão, da ciência e do progresso (niilismo reativo).<sup>55</sup>

O que o niilismo, em seus respectivos desdobramentos, vai mostrar, é que a negação surge da atitude de atribuir à vida juízos de valoração. Mas tal atitude surge sempre a partir de um fundamento sobre o qual se avalia, o fundamento do “bem e da verdade”. Mas, para Nietzsche, o valor da vida não pode ser avaliado.

Juízos de valor acerca da vida, contra ou a favor, nunca podem ser verdadeiros, afinal; eles têm valor apenas como sintomas... Em si, tais juízos são bobagens. É preciso estender ao máximo as mãos e fazer a tentativa de

---

<sup>54</sup> MOSÉ, 2014, p. 94.

<sup>55</sup> MOSÉ, 2014, p. 44.

apreender essa espantosa *finesse* [finura], a de que o valor da vida não pode ser estimado. Não por um vivente, pois ele é parte interessada, até mesmo objeto da disputa, e não juiz.<sup>56</sup>

“O niilismo é a lógica da negação”, são os valores da negação que precisam ser transvalorados para que a vida torne a ser valorizada.<sup>57</sup> A transvaloração se fundamenta em recriar valores relacionados com a expansão do valor fundamental, a vontade de potência, considerando em que medida tais valores são estimáveis em relação a tal expansão.<sup>58</sup>

---

<sup>56</sup> NIETZSCHE, 2017, p. 14. Cf. MOSÉ, 2014, p. 44.

<sup>57</sup> MOSÉ, 2014, p. 45.

<sup>58</sup> HEIDEGGER, 2000, p. 75.

## **2. NATUREZA HUMANA, LINGUAGEM E INSTINTO DE VERDADE COMO REAÇÃO CONTRA A VIDA**

Para Nietzsche, a história do pensamento é a história do desenvolvimento da ideia de verdade, de substância, de Ser. A busca por tal princípio se sustentaria na crença de que existe uma essência irreduzível da vida. No entanto, se a vida é vontade de potência e, portanto, luta, toda verdade deve, necessariamente, ser provisória, e toda ideia de essência ou de verdade que não seja afetada, transformada pelo devir, uma mera ficção. “A morte de Deus implica, portanto, a possibilidade de colocar em questão a crença na origem divina e no valor absoluto da verdade”.<sup>59</sup> Para Nietzsche, “só a vontade é imortal”.<sup>60</sup>

Mas é justamente para fugir deste caráter transitório da realidade, pensa o filósofo, que o pensamento cria palavras, conceitos e verdades, na procura de produzir uma sistematização que a própria existência, marcada pela constante mudança, não apresenta em si mesma. Toda verdade manifesta unicamente a necessidade antropológica de entrar em acordo; foi tal necessidade a que fundamentou a relação estabelecida entre o homem e a linguagem.<sup>61</sup> O intelecto, pensa Nietzsche, é um mero instrumento utilizado pelos mais “infelizes, fracos e evanescentes dos seres”, como um auxílio que os preserva na existência, da qual, contrariamente, “teriam todos os motivos para fugir rapidamente”.<sup>62</sup>

O conhecimento ilude os homens em relação ao valor da existência, pois se fundamenta na dissimulação. O que o homem espera da verdade são sempre suas consequências agradáveis, ou seja, ilusões que permitam a conservação da vida. O conhecimento é sempre guiado por interesses subjetivos consequentes da projeção de impulsos e anseios humanos e, portanto, sempre determinado por perspectivas individuais ou sócio – culturais.<sup>63</sup>

Nietzsche pretende esclarecer que o conhecimento não é parte fundamental da natureza humana, visto que não está no nível dos instintos, discordando, desta

---

<sup>59</sup> GIACOIA, 2000, p. 28.

<sup>60</sup> NIETZSCHE, 2013, p. 20.

<sup>61</sup> MOSÉ, 2014, p. 169.

<sup>62</sup> NIETZSCHE, 2012, p. 26.

<sup>63</sup> GIACOIA, 2000, p. 28.

maneira, com Aristóteles, para o qual “todos os seres humanos naturalmente desejam o conhecimento”.<sup>64</sup> O conhecimento foi um invento, como Nietzsche afirma:

Em algum ponto do universo inundado por cintilações de inúmeros sistemas solares houve um dia um planeta em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais orgulhoso e mais mentiroso da história universal, mas foi apenas um minuto. Depois de alguns suspiros da natureza o planeta se congelou e os animais inteligentes tiveram que morrer.<sup>65</sup>

Para Nietzsche, o homem não deve ser definido pelo conhecimento nem se deve tomar o conhecimento como o maior valor humano, pois os instintos são o fundamento da estrutura humana de valor superior.

O instinto de conhecimento, como Nietzsche o chama, implica um instinto de crença e não, de fato, de conhecimento ou de verdade. Não existe conhecimento de nenhuma verdade, senão apenas a fé de se possuir tal verdade ou verdades. Os critérios da verdade não são nunca a certeza ou a evidência, senão unicamente a suposição.

O instinto de conhecimento é sinónimo de decadência, baixeza e declínio<sup>66</sup>; “signo de que a vida envelheceu e de que os instintos fundamentais se tornaram fracos”.<sup>67</sup>

O conhecimento é uma atividade interpretativa da realidade a partir da criação da linguagem. Mas, “a linguagem é a expressão adequada de todas as realidades?” Para Nietzsche, “apenas por esquecimento pode o homem alguma vez chegar a imaginar que detém uma verdade no grau ora mencionado”.<sup>68</sup>

Para o filósofo, conceituar implica uma simplificação e redução das coisas. Nomear é sempre uma atribuição de valor, é uma imposição de identidade à

---

<sup>64</sup> ARISTÓTELES, 2012, p. 41. Cf. MACHADO, 1999, p. 35.

<sup>65</sup> MACHADO, 1999, p. 36. Cf. NIETZSCHE, 2012, p. 25.

<sup>66</sup> MACHADO, 1999, p. 36.

<sup>67</sup> NIETZSCHE, apud, MACHADO, 1999, p. 36.

<sup>68</sup> NIETZSCHE, 2012, p. 30.

multiplicidade que não se relaciona jamais com tal identidade, é criar uma identificação estática que a pluralidade e o devir não apresentam. Para Nietzsche, “todo conceito nasce da identificação do não idêntico”.<sup>69</sup> As designações das coisas jamais coincidem com as próprias coisas. A verdade, que sempre se fundamenta numa interpretação antropológica da realidade, é a primeira expressão do niilismo. Por isso Nietzsche afirma: “temo que jamais mataremos Deus, visto que ainda acreditamos na gramática”.<sup>70</sup> As palavras, por unir num signo coisas diferentes, se sustentam na negação da diversidade e, portanto, na negação da vida.<sup>71</sup> Se as palavras remetessem de fato a experiências vividas, se indicassem a pluralidade e o fluxo constante da realidade da qual se originam, seu valor ficaria comprometido. O homem identificaria constantemente a não correspondência entre a multiplicidade e mobilidade das coisas e as palavras que pretendem designá-las. Portanto, a condição necessária à utilização da linguagem é o esquecimento da pluralidade, o esquecimento da vida.<sup>72</sup> Para Nietzsche,

Cada palavra torna-se imediatamente conceito pelo fato de, justamente, não servir para a experiência original, única, absolutamente individualizada, à qual deve seu nascimento [...], mas deve simultaneamente servir para inumeráveis experiências, mais ou menos análogas, ou seja, rigorosamente falando, nunca idênticas. [...] Todo conceito nasce da identificação do não idêntico.<sup>73</sup>

---

<sup>69</sup> NIETZSCHE, 2012, p. 35. Cf. MOSÉ, 2014, p. 72.

<sup>70</sup> Cf. MOSÉ, 2014, p. 62.

<sup>71</sup> MOSÉ, 2014, p. 72.

<sup>72</sup> MOSÉ, 2014, p. 73.

<sup>73</sup> NIETZSCHE, 2012, pp. 34-35. Cf. MOSÉ, 2014, p. 72. Segundo Albert Camus, “Sejam quais forem os jogos de palavras e as acrobacias da lógica, compreender é antes de mais nada unificar. O desejo profundo do espírito em suas operações mais evoluídas une-se ao sentimento inconsciente do homem diante do seu universo: é exigência de familiaridade, apetite de clareza. Compreender o mundo, para um homem, é reduzi-lo ao humano, marcá-lo com seu selo. Todo pensamento é antropomórfico”. Cf. CAMUS, 2016, p. 30. Para Heidegger, “A pedra é, precisamente, esta pedra totalmente determinada; o lagarto não é o lagarto em geral, mas precisamente este [...]. Não há uma coisa em geral, mas apenas estas coisas singulares e as singulares, antes de mais são “esta coisa”. Cada coisa é uma coisa e nenhuma outra. De repente, deparamos com aquilo que pertence a uma coisa enquanto coisa. Trata-se de uma determinação que as ciências não vêem, elas que, no seu impulso em direção aos factos, parecem chegar o mais perto possível das coisas. O “ser esta” que caracteriza qualquer coisa é posto de lado pela ciência. Cf. HEIDEGGER, 1987, p. 25.

Portanto, para Nietzsche, a função da linguagem é o esquecimento da pluralidade que lhe deu origem, sua finalidade é ocultar a multiplicidade e o devir, e este esquecimento é necessário para a conservação do homem.

Tão certo como uma folha nunca é totalmente igual a uma outra, é certo ainda que o conceito de folha é formado por meio de uma arbitrária abstração dessas diferenças individuais, por um esquecer-se do diferenciável, despertando então a representação, como se na natureza, além das folhas, houvesse algo que fosse “folha”, tal como uma forma primordial de acordo com a qual todas as folhas fossem tecidas, desenhadas, contornadas, coloridas, encrespadas e pintadas, mas por mãos ineptas, de sorte que nenhum exemplar resultasse correto e confiável como cópia autêntica da forma primordial.<sup>74</sup>

Uma intenção de fuga frente à singularidade das coisas, pensa Nietzsche, leva aos homens a criar os conceitos, as formas, mas a natureza desconhece tais conceitos e formas. Como ser racional, pensa o filósofo, o homem fundamenta suas ações sob o “império das abstrações”, pois não suporta ser confrontado com impressões marcadas pelo devir. Sendo assim, universaliza todas as impressões em conceitos. O que diferencia o ser humano dos demais animais, pensa Nietzsche, é justamente essa capacidade de “dissolver uma imagem num conceito”, criando, de tal maneira,

“um novo mundo de leis, privilégios, subordinações, delimitações, que agora faz frente ao outro mundo intuitivo das primeiras impressões como

---

<sup>74</sup> NIETZSCHE, 2012, p. 35. Cf. MOSÉ, 2014, p. 74. Note-se nas palavras de Alberto Caeiro [Fernando Pessoa], a atividade humana de transformar, pela linguagem, o mundo da multiplicidade à sua imagem e semelhança, mediante a ilusão da identificação da palavra com a multiplicidade que pretende nomear, ao reduzir tal multiplicidade a um único conceito: “Um renque de árvores lá longe, lá para a encosta. Mas o que é um renque de árvores? Há árvores apenas. Renque e o plural árvores não são cousas, são nomes. Tristes das almas humanas, que põem tudo em ordem, que traçam linhas de cousa a cousa, que põem letrados com nomes nas árvores absolutamente reais, e desenham paralelos de latitude e longitude sobre a própria terra inocente e mais verde e florida do que isso!”. Cf. PESSOA, 2015, p. 71.

o mais consolidado, universal, conhecido, humano e, em virtude disso, como o mundo regulador e imperativo”.<sup>75</sup>

O homem, pensa Nietzsche, quer viver de forma gregária, e é tal gregariedade a que exige a linguagem e o acordo, sendo este o primeiro passo para a elaboração da ideia de verdade.

Agora está fixado o que doravante deverá ser verdade, o que quer dizer que se encontrou uma designação das coisas uniformemente válida e obrigatória, e a legislação da linguagem fornece, inclusivamente, as primeiras leis da verdade: porque nasce, aqui, pela primeira vez, o contraste entre verdade e mentira.<sup>76</sup>

A pessoa considerada mentirosa, pensa Nietzsche, é aquela que abusa das convenções que foram consolidadas, fazendo “trocas arbitrárias ou inversões dos nomes, inclusive”. Sendo assim, a sociedade “não confiará mais nele e, com isso, tratará de excluí-lo”. Em tal caso, o que incomoda os homens, pensa o filósofo, não é de fato o engano, senão as consequências negativas advindas de certos tipos de enganos.<sup>77</sup>

A verdade, portanto, se fundamenta na utilização correta dos códigos, em obedecer as convenções. É a prática resultante da crença na correspondência entre as coisas e os nomes que lhes são atribuídos, consequente da necessidade de comunicação imposta pelo grupo.<sup>78</sup>

Para Nietzsche, o próprio processo de produção das palavras já implica o afastamento e a negação da vida. A linguagem começa com a vista, e ver é fazer a síntese de uma diversidade de impressões em uma imagem, sendo a própria imagem uma primeira simplificação. Posteriormente, a partir de tal imagem, emitir um som, “dando um salto completo de uma esfera a outra”. Este processo é mediado pela memória, mas a memória não guarda os dados passivamente, senão

---

<sup>75</sup> NIETZSCHE, 2012, pp. 37-38.

<sup>76</sup> NIETZSCHE, apud, MOSÉ, 2014, p. 75. Cf. NIETZSCHE, 2012, p. 29.

<sup>77</sup> NIETZSCHE, 2012, p. 30.

<sup>78</sup> MOSÉ, 2014, p. 75.



que interfere. A memória guarda aquilo que distingue do que chega a ela. Para Nietzsche, “pensar é um discernir”.<sup>79</sup> É, pensa o filósofo, “alguma coisa de artística esta produção de formas com as quais alguma coisa entra para a memória”.<sup>80</sup>

Desta maneira, palavras e conceitos são o resultado de um jogo de crenças e abstrações consquentes da capacidade e necessidade humanas de afastamento, negação e esquecimento da realidade. Não é a verdade, senão a ilusão, a condição necessária à sobrevivência do homem.

“Apenas porque o homem se esquece enquanto sujeito e, com efeito, enquanto sujeito *artisticamente criador*, ele vive com certa tranquilidade, com alguma segurança [...]. Exige-lhe esforço, inclusive, admitir para si mesmo o fato de que o inseto ou o pássaro percebem um mundo totalmente diferente daquele percebido pelo homem, sendo que a pergunta por qual das duas percepções de mundo é a mais correta não possui qualquer sentido [...].<sup>81</sup>

A verdade implica “a metamorfose do mundo nos homens”, é o esforço por compreender o mundo visto como propriamente humano. “Éis seu procedimento, ter o homem como medida de todas as coisas, algo que ele faz, porém, partindo do erro de acreditar que teria tais coisas como objetos puros diante de si”.<sup>82</sup> Nietzsche afirma:

Se crio a definição de mamífero e, ai então, após inspecionar um camelo, declaro: veja, eis um mamífero, com isso, uma verdade decerto é trazida à plena luz, mas ela possui um valor limitado, digo, ela é antropomórfica de fio a pavio e não contém um único ponto sequer que fosse “verdadeiro em si”, efetivo e universalmente válido, deixando de lado o homem”.<sup>83</sup>

---

<sup>79</sup> NIETZSCHE, apud, MOSÉ, 2014, pp. 76-77.

<sup>80</sup> MOSÉ, 2014, p. 76.

<sup>81</sup> NIETZSCHE, 2012, p. 41.

<sup>82</sup> NIETZSCHE, 2012, p. 40.

<sup>83</sup> NIETZSCHE, 2012, pp. 39-40.

Portanto, “a arte é condição de existência do intelecto”. Mas a arte à que Nietzsche faz referência não é a arte dos artistas, senão uma atividade criadora, presente no mundo orgânico que “impõe, a tudo o que vive, um caráter interpretativo”.<sup>84</sup>

A arte, a interpretação, no caso do homem, se origina primeiramente, como já afirmado, “da imprecisão da vista”. Ver é perceber a superfície das coisas no espelho ocular e, portanto, ver é criar, pois implica reduzir e contornar. A vista escolhe, recorta e ressalta uma parte determinada da realidade, e o conceito terá por objetivo fazer referência a tal determinação sendo, portanto, uma “transposição de uma simplificação anterior”.<sup>85</sup> “Imagens nos olhos humanos! Eis o que domina todo ser humano: a partir do olho! Sujeito! O ouvido escuta o som! Uma concepção maravilhosa e inteiramente diferente do mesmo mundo. A arte baseia-se na *inexatidão do olhar*”.<sup>86</sup>

Mas a arte, para Nietzsche, não é algo negativo, visto que implica uma afirmação da superfície, representa a afirmação da particularidade. Mas ao mesmo tempo em que Nietzsche faz uma afirmação da arte, questiona a verdade. A verdade é a arte, a ilusão, que não quer aceitar que é ilusão. A verdade é um tipo de arte que não quer aceitar as condições do seu surgimento. A verdade surge da elevação da arte a valores eternos. O homem tem necessidade de rejeitar sua constante capacidade criativa para se aferrar à unidade. Mas eliminar tal capacidade criativa, pensa Nietzsche, é impossível, pois a mesma se fundamenta no movimento próprio da vida.

Desta maneira, ao se confrontar com as impressões e sensações que colocam em questão as “verdades eternas” que criou, o homem passa a lutar contra a própria vida. No seu desejo por estar vinculado à verdade, o homem interpreta seu impulso de criatividade, de reinterpretação da realidade, como sendo um mal e luta consigo mesmo na procura por ser normal e formar parte do rebanho. Assim, o

---

<sup>84</sup> MOSÉ, 2014, pp. 79-80.

<sup>85</sup> MOSÉ, 2014, p. 80.

<sup>86</sup> NIETZSCHE, 2012, p. 58.

homem moderno acredita que sua singularidade é uma doença,<sup>87</sup> e “o sentimento de dever, vem desta fé e não da pretensa verdade”.<sup>88</sup>

Em *O livro do filósofo*, Nietzsche afirmará que a verdade surge para satisfazer uma necessidade social. “Por uma metástase ela é, em seguida, aplicada a tudo, mesmo onde não é necessária”.<sup>89</sup> E também diz: “O instinto de conhecimento têm uma fonte moral”. “Por natureza o homem não existe para o conhecimento”.<sup>90</sup> Portanto, a verdade resulta de uma convenção imposta que visa à conservação da vida em sociedade, uma ilusão necessária como mediadora da relação dos homens entre si.

Mas a comunicação não implica somente dizer o comum, senão viver o comum. Para Nietzsche, o mundo da linguagem, o mundo da consciência, também é o mundo vulgarizado. “Tudo que se torne consciente por isso mesmo torna-se raso, ralo, relativamente tolo, geral, signo, marca do rebanho”. A vida social, à qual Nietzsche chama de “rebanho”, resulta da vida comum consequente da linguagem. A fé na linguagem submete os homens ao nivelamento, à mediocridade e à vulgarização que marcam o pensar da comunidade como multidão sem diferenças, como rebanho.

A linguagem cria uma malha conceitual que visa à mediação das relações entre os homens, mas também do individuo consigo mesmo, com suas paixões, com a multiplicidade, com o devir e com a vida. Esta rede conceitual é possível pelo armazenamento de dados na memória. Assim, a consciência passará a ser vista como o lugar de excelência de toda avaliação. Tudo o que se torne consciente e conceituado será interpretado como signo de progresso, e o que for instintivo considerado grosseiro. Sendo assim, para Nietzsche, a consciência serve como instrumento de depreciação e negação da vida.<sup>91</sup>

Desta maneira, como já afirmado, o homem não ama a verdade, senão ser favorecido por suas consequências. Da mesma forma, tampouco odeia a mentira,

---

<sup>87</sup> MOSÉ, 2014, pp. 81-84.

<sup>88</sup> NIETZSCHE, apud, MACHADO, 1999, p. 36.

<sup>89</sup> MACHADO, 1999, p. 37. Cf. NIETZSCHE, 2013, p. 68.

<sup>90</sup> MACHADO, 1999, p. 37. Cf. NIETZSCHE, 2013, p. 83.

<sup>91</sup> MOSÉ, 2014, pp. 117-118.

senão somente os prejuízos que a mesma pode lhe causar. As obrigações em relação à verdade, portanto, existem para impedir tais consequências. Mas quando as consequências da mentira são agradáveis, ela passa a ser permitida.<sup>92</sup>

Mas, para Nietzsche, o fluxo da vida não pode ser contido pelo homem, o que faz com que a consciência desenvolva um mecanismo autopunitivo. Na impossibilidade de deter o fluxo da vontade de potência, a consciência acaba por inverter as forças instintivas levando o homem a agir contra si mesmo.

Todos os instintos que não são descarregados conforme o fluxo natural da vontade de potência “voltam-se para dentro”. A força para agir que a consciência rejeita, torna-se reação contra si mesmo, sendo a consciência, portanto, o “lugar de inversão das forças”, onde as forças ativas tornam-se reativas.<sup>93</sup>

Linguagem e consciência, portanto, se fundamentam na necessidade de comunicação; necessidade que impõe a igualdade e a vulgarização dos indivíduos, a formação de um único rebanho. Para Nietzsche, esta proposta de arrebanhar e vulgarizar os indivíduos, produzida pela consciência, se constituiu como o valor maior da modernidade. A cultura moderna valoriza a vida em sociedade e a comodidade consequente da vida em grupo. Mas a exigência do grupo é a eliminação da diferença e da singularidade. A vida social, para Nietzsche, não produz homens, senão um único rebanho. “Ser reconhecido pelo rebanho é o valor maior”.<sup>94</sup> Mas, para Nietzsche, não existe igualdade mais que por imposição, como consequência da moral comunitária, resultante do medo da solidão, da singularidade e da diferença.<sup>95</sup>

---

<sup>92</sup> MACHADO, 1999, p. 38.

<sup>93</sup> MOSÉ, 2014, p. 121.

<sup>94</sup> MOSÉ, 2014, p. 122.

<sup>95</sup> MOSÉ, 2014, p. 123. Note-se, nas palavras de Alberto Caeiro [Fernando Pessoa], a aproximação em relação ao pensamento de Nietzsche sobre a não identidade entre os seres humanos: “Falaram-me em homens, em humanidade, mas eu nunca vi homens nem vi humanidade. Vi vários homens assombrosamente diferentes entre si, cada um separado do outro por um espaço sem homens”. Cf. PESSOA, 2015, p. 150; e nas palavras de Bernardo Soares [Fernando Pessoa], para quem não existe identidade nem sequer no indivíduo: “Que somos todos diferentes, é um axioma da nossa naturalidade. [...] Cada um de nós é dois, e quando duas pessoas se encontram, se aproximam, se ligam, é raro que as quatro possam estar de acordo. O homem que sonha em cada homem que age, se tantas vezes se malquista com o homem que age, como não se malquistará com o homem que age e o homem que sonha no outro? [...] Se sou já diferente daquele de quem sou idêntico, como serei idêntico daquele de quem sou diferente?”. Cf. PESSOA, 2016, pp. 482-483.

Nietzsche procura fazer uma crítica à pretensão da verdade propondo a revalorização da arte. Critica o desejo de estabelecer verdades esquecendo que o homem é um artista. Enquanto a ciência procura encontrar a verdade da vida como sendo outra coisa que não a própria vida fenomênica, ou seja, a interpretação antropológica da realidade, a finalidade da arte seria aceitar a aparência afirmando integralmente a vida. Mas tal proposta não implica um projeto de destruição da ciência. Para Nietzsche, a arte deve estabelecer o valor da ciência, ou seja, dominar o instinto de conhecimento.<sup>96</sup>

Acreditar na verdade e na identidade é consequência da crença na identidade das palavras. A proposta de Nietzsche se fundamenta na retomada do caráter criativo, o que seria possível mediante a explicitação da natureza meramente simbólica das palavras e, conseqüentemente, da verdade.

No aforismo 58 de *A gaia ciência*, Nietzsche afirma:

Eis o que me custa e nunca deixa de me custar os maiores esforços, compreender que importa mais saber como se chamam as coisas do que o que elas são. [...] Que loucura não seria pretender que basta denunciar esta origem, este véu nebuloso do delírio para reduzir ao nada o mundo tido como essencial, aquilo que se chama realidade! Só os criadores podem destruir! Mas não esqueçamos isto: basta criar novos nomes, apreciações, novas verossimilhanças para criar, com o tempo, novas coisas.<sup>97</sup>

A proposta de Nietzsche, portanto, não é a de fazer uma mera crítica ao caráter ficcional da verdade. Não é necessário unicamente compreender que o valor da verdade se impõe como negação da vida, senão que é preciso criar novos valores, reinterpretar a realidade a partir da afirmação do devir que a própria vida apresenta. A linguagem e o conhecimento consquente da fé na mesma, tornaram-se a negação da vida, da pluralidade, o niilismo. A finalidade da filosofia de Nietzsche, partindo de uma afirmação da vida como vontade de potência, é a

---

<sup>96</sup> MACHADO, 1999, p. 42.

<sup>97</sup> MOSÉ, 2014, p. 85. Cf. NIETZSCHE, 2016, pp. 90-91.

superação do niilismo. A vida é o “excesso que se significa, se configura, se limita, em uma duração provisória”.<sup>98</sup>

Desta maneira, Nietzsche percebe a linguagem como um instrumento que pode ser utilizado não como negação, senão como afirmação da vontade de potência. Mas acredita que, desde sua origem, a mesma constituiu-se uma “configuração dominada pela vontade de verdade”. A ideia de verdade resulta de uma vontade negativa de potência, e se fundamenta num desejo de imobilidade que impeça que a força se manifeste como força. Mas, para Nietzsche,

Exigir que a força não se expresse como força, que não seja um querer dominar, um querer vencer, um querer subjugar, uma sede de inimigos, resistências e triunfos, é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se expresse como força.<sup>99</sup>

Somente pela fé na linguagem, pensa Nietzsche, os homens podem ser levados a acreditar no controle das paixões e dos instintos. O intelecto não procura o saber, a verdade, senão o controle sobre a realidade, sobre o devir; controle que não lhe pertence.<sup>100</sup> O mundo da linguagem “é o refugio onde o homem construiu sua morada, seu ‘outro mundo’”. O que aconteceu na cultura ocidental, para Nietzsche, é que os valores da negação se tornaram o bem e a verdade para os homens.

Portanto, o que o filósofo propõe como sendo uma tranvaloração dos valores “não é a negação da negação”, senão a negação do predomínio de tal negação e a retomada do sentido “negativo/afirmativo” característico da vida. A palavra, a arte, a interpretação, é afirmativa quando aceita sua impossibilidade como verdade<sup>101</sup> e quando contempla a singularidade e, conseqüentemente, a expansão da vontade

---

<sup>98</sup> MOSÉ, 2014, pp. 89 a 91.

<sup>99</sup> NIETZSCHE, apud, MOSÉ, 2014, p. 103. Cf. NIETZSCHE, 2013, pp. 32-33.

<sup>100</sup> MOSÉ, 2014, p. 104. Note-se esta impossibilidade de controle humano sobre a vida nas belas palavras de Alvaro de Campos [Fernando Pessoa]: “Conquistamos todo o mundo antes de nos levantar da cama; mas acordamos e ele é opaco, levantamo-nos e ele é alheio, saímos de casa e ele é a terra inteira, mais o sistema solar e a Via Láctea e o Indefindo”. Cf. PESSOA, 2015, p. 162.

<sup>101</sup> MOSÉ, 2014, p. 105.

de potência do indivíduo, sendo a valorização da solidão um dos fundamentos para que tal afirmação seja alcançada.

Em uma passagem de *Assim falava Zaratustra*, Nietzsche escreve sobre a solidão: “Ó solidão! Ó solidão minha pátria! Tempo demais selvagememente vivi em selvagens terras estranhas, para não regressar sem lágrimas”. E a solidão responde a Zaratustra:

“Aqui estás na tua casa e no teu lar; aqui podes dizer tudo livremente e desabafar as tuas razões; nada aqui se envergonha de sentimentos ocultos e obstinados. Aqui, todas as coisas vêm afagantes ao encontro de tua palavra, lisonjeando-te: pois querem cavalgar nas tuas costas”.<sup>102</sup>

E também diz: “abrem-se aqui, diante de mim, todas as palavras e o escrínio de palavras do ser: todo o ser quer tornar-se, aqui, palavra, todo o devir quer que eu lhe ensine a falar. Lá embaixo, porém, todo o discurso é inútil”.<sup>103</sup>

Aqui Nietzsche apresenta a possibilidade da criação de uma linguagem afirmativa, que não se fundamente na negação da pluralidade, mas, contrariamente, que atraia para si tal pluralidade. Aqui, é a vida a que vem ao encontro da palavra e não a palavra a que tenta dar ordem à vida. “A palavra é um meio de fazer as coisas falarem”. Por isso, em outra passagem de *Assim falava Zaratustra* intitulada *Do ler e do escrever*, Nietzsche diz: “De tudo o que se escreveu, eu só amo aquilo que o homem escreveu com o seu próprio sangue”,<sup>104</sup> ou seja, aqueles escritos nos quais a própria vida falou mediante a palavra.

Esta trasvaloração dos valores só é possível na afirmação da solidão, onde deixou de existir a necessidade do acordo mediante a imposição da comunicação. “Abrem-se aqui”, diz Nietzsche, “diante de mim, todas as palavras”. Mas “lá embaixo”, onde a palavra, a arte, está submissa à criação de conceitos e à mediação da vida gregária, “todo discurso é inútil”.

---

<sup>102</sup> NIETZSCHE, apud, MOSÉ, 2014, p. 125.

<sup>103</sup> NIETZSCHE, apud, MOSÉ, 2014, p. 125.

<sup>104</sup> NIETZSCHE, 2011, p. 48. Cf. ALVES, 2017, p. 1.

A valorização da solidão, portanto, remete a uma crítica dos valores do rebanho e a uma afirmação da diferença, através da possibilidade da criação de uma linguagem afirmativa que coopere, não para a consolidação dos valores gregários, senão para a expansão da vontade de potência.<sup>105</sup>

Para Nietzsche, as palavras são “falsas pontes entre coisas eternamente separadas”, não sendo capazes de superar a distância existente entre as coisas e as pessoas. A solidão é característica de todos os indivíduos, e tal separação não pode ser abolida pela linguagem. Desta maneira, a função afirmativa da linguagem não é dizer, já que a complexidade da vida não pode ser traduzida em palavras, senão esquecer, servindo, desta maneira, como meio de recreação e não de criação de verdades.

A consciência, para Nietzsche, surgiu como mecanismo de inversão das forças, fazendo com que as forças ativas se tornassem reativas como consequência da fraqueza. Mas ao desautorizar a linguagem como veículo de manifestação da verdade, Nietzsche faz com que a mesma reencontre o seu valor como arte, como afirmação da vontade de potência que caracteriza a vida e como meio para a afirmação de um pensamento nascido da força, da coragem e da abundância, ao invés de servir para criar verdades que fundamentem uma moral de rebanho.<sup>106</sup>

---

<sup>105</sup> MOSÉ, 2014, p. 127.

<sup>106</sup> MOSÉ, 2014, pp. 128-131.



### 3. VONTADE DE POTÊNCIA, LIBERDADE E AUTONOMIA: POR UMA EDUCAÇÃO AFIRMADORA DA VIDA

A temática da educação também foi alvo das críticas de Nietzsche, e no presente capítulo serão apresentadas, principalmente a partir da análise dos textos *III consideração intempestiva: Schopenhauer Educador*, e *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, que reúne as conferências proferidas pelo filósofo sobre o assunto na universidade de Basileia<sup>107</sup>, as principais críticas que fez à educação do seu tempo e, a partir da análise realizada até o momento sobre o seu pensamento, a ideia de uma educação que vise à expansão da vontade de potência dos indivíduos.

Na Alemanha de Nietzsche, a da segunda metade do século XIX, a formação humanista, muito valorizada pelo povo alemão no século XVIII, deu lugar a uma formação de tipo tecnicista e utilitarista, a qual Nietzsche criticou duramente por considerar que se pautava numa lógica meramente econômica. Para Nietzsche, as instituições do seu tempo tinham como objetivo formar indivíduos para o trabalho ao invés de se preocuparem pela elevação cultural dos mesmos.<sup>108</sup> Desta maneira, o ensino proferido era de cunho massificador e tendia à redução e ao enfraquecimento do homem, fazendo com que este fosse formado para responder às necessidades do Estado e do Mercado. A finalidade da educação não era a promoção de uma cultura elevada consequente da expansão da vontade de potência dos indivíduos, senão a domesticação dos mesmos. Ainda em relação aos eruditos do seu tempo, Nietzsche os compara com trabalhadores fabris. Ele escreve:

Assim, um erudito, exclusivamente especializado, se parece com um operário de fábrica, que durante toda sua vida, não faz se não fabricar certo parafuso ou certo cabo para uma ferramenta ou uma máquina determinadas, tarefa na qual atinge, é preciso dizer, uma incrível virtuosidade.<sup>109</sup>

---

<sup>107</sup> VON ZUBEN, MEDEIROS, 2013, p. 72.

<sup>108</sup> VON ZUBEN, MEDEIROS, 2013, p. 74.

<sup>109</sup> VON ZUBEN, MEDEIROS, 2013, p. 75.

Este tipo de proposta de ensino, para Nietzsche, não é capaz de formar grandes homens e únicos, sendo, ao contrário, um mecanismo nivelador que pretende eliminar as potenciais individuais dos educandos. Sua finalidade é o adestramento de trabalhadores para o mercado, funcionários estaduais e especialistas para as universidades.<sup>110</sup> E é esta, justamente, uma das críticas que Nietzsche faz a Kant em *Schopenhauer educador*, afirmando que este

se aferrou à universidade, se submeteu aos governos, conservou a aparência de uma fé religiosa, suportou viver entre colegas e estudantes. Nada mais natural, pois, que seu exemplo produzisse catedráticos da universidade e uma filosofia de catedráticos.<sup>111</sup>

E o diferencia de Schopenhauer que, em sua opinião, “se afasta e aspira a se manter independente da sociedade e do Estado”.<sup>112</sup>

Mas Nietzsche reconhece a importância de que existam instituições de ensino que ofereçam conhecimentos, pois estes podem garantir a subsistência de certos indivíduos, mas preparar para a sobrevivência não é o mesmo que preparar para a cultura. Segundo Nietzsche,

Para viver, para travar sua luta pela existência, o homem deve aprender muito, mas tudo o que ele, enquanto indivíduo, aprende e faz com esse desígnio, nada tem a ver com a cultura. Ao contrário, esta só tem início numa atmosfera que está muito acima desse mundo das necessidades, da luta pela miséria.<sup>113</sup>

Portanto, a crítica de Nietzsche é à “mascara” que as instituições de ensino do seu tempo utilizavam para fazer acreditar que sua função social era promover a cultura superior, quando em realidade não o era. Tais instituições não tinham nenhuma relação com a educação, pois uma verdadeira educação deveria de promover a elevação cultural, e a promoção da cultura não deveria de ter, pensava

---

<sup>110</sup> VON ZUBEN, MEDEIROS, 2013, p. 75.

<sup>111</sup> NIETZSCHE, 2009, p. 40.

<sup>112</sup> NIETZSCHE, 2009, p. 40.

<sup>113</sup> NIETZSCHE, apud, VON ZUBEN, MEDEIROS, 2013, p. 76.

o filósofo, nenhum vínculo com a profissionalização mercantil nem com objetivos fundamentados em alvos utilitaristas e econômicos. Em suas palavras,

Toda educação que deixa vislumbrar no fim de sua trajetória um posto de funcionário ou um ganho material não é uma educação para a cultura tal como a compreendemos, mas simplesmente uma indicação do caminho que pode percorrer para o indivíduo se salvar e se proteger na luta pela existência.<sup>114</sup>

Nietzsche se opõe, portanto, a todo conceito de educação que tenha como finalidade a massificação dos indivíduos e a consolidação do instinto de rebanho. Para o filósofo, a educação deve dar ao indivíduo as condições para a expansão da vontade de potência, para o desenvolvimento da autenticidade, do genuíno existente em cada homem.<sup>115</sup>

Na opinião de Nietzsche, o homem do século XIX entende a cultura como a acumulação de conhecimentos históricos, a memória dos fatos que o antecedem sem a qual parece não poder viver.<sup>116</sup> Mas a verdadeira cultura não teria nenhuma relação com tais fatos, senão que se fundamentaria na capacidade criativa do indivíduo e, inclusive, para que a cultura se manifeste como realidade no indivíduo, é necessário o esquimento como possibilidade de dizer o novo, não se deixando massificar pela força moral da tradição.<sup>117</sup>

A educação contra a cultura é, para Nietzsche, aquela que exige a adaptação, fazendo com que os indivíduos neguem a expansão de sua vontade de potência, impedindo que se desenvolvam a partir das suas próprias experiências, interesses e necessidades, adaptando-se, desta maneira, aos usos, costumes e

---

<sup>114</sup> NIETZSCHE, apud, VON ZUBEN, MEDEIROS, 2013, p. 76.

<sup>115</sup> DÍAS GENIS, 2014, p. 21.

<sup>116</sup> Para Freud, por exemplo, “cultura designa a soma total de realizações e disposições pelas quais a nossa vida se afasta da de nossos antepassados animais, sendo que tais realizações e disposições servem a dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação das relações dos homens entre si”, e um dos fundamentos para a manifestação da cultura é que os membros de uma comunidade dominem suas possibilidades de satisfação. “A liberdade individual”, diz Freud, “não é um bem cultural”, senão que “era a maior possível antes de qualquer cultura. Cf. FREUD, 2015, pp. 88, 98-99; FREUD, 2014, p. 233.

<sup>117</sup> DÍAS GENIS, 2014, p. 23. Em *Ecce Homo*, ao falar sobre a Segunda Extemporânea, Nietzsche diz: “Neste ensaio, o ‘sentido histórico’ de que tanto se orgulha este século foi pela primeira vez reconhecido como doença, como típico sinal de declínio”. Cf. NIETZSCHE, 2015, p. 64.

modas de uma determinada sociedade.<sup>118</sup> Assim, em *Ecce Homo*, Nietzsche afirma que

A segunda Extemporânea (1874) traz à luz o que há de perigoso, de corrosivo e contaminador da vida em nossa maneira de fazer ciência: a vida enferma desse desumanizado engenho e maquinismo, da ‘impessoalidade’ do trabalhador, da falsa economia da ‘divisão do trabalho’. A finalidade se perde, a *cultura* – o meio, o moderno cultivo da ciência, barbariza.<sup>119</sup>

Mas, como já afirmado no capítulo anterior, para Nietzsche, toda verdade é uma mera ilusão, é a arte que foi elevada a valores eternos e se constituiu como signo do rebanho. Portanto, o indivíduo que expande sua vontade de potência deve ser um extemporâneo, alguém que vive fora do seu tempo não assumindo para si os valores que são impostos ao rebanho, no caso do seu tempo, os valores utilitaristas fundamentados em interesses econômicos a serviço do Estado.<sup>120</sup> Por isto, em *Schopenhauer educador*, Nietzsche faz um chamado à autenticidade dizendo: “Seja você mesmo, tudo quanto agora fazes, pensas, desejas, nada tem a ver contigo”. E também diz: “Não há, em toda a natureza, criatura mais triste e repugnante que o homem que desertou do seu gênio e que olha à direita e à esquerda, detrás de si e em todas as direções”.<sup>121</sup> E em *Ecce Homo* afirma que ao escrever *Schopenhauer educador* se propôs restaurar o conceito de cultura promovendo o “mais severo *amor de si*, *cultivo de si*, tipos extemporâneos *par excellence*, plenos de soberano desprezo por tudo o que ao seu redor se chamava ‘Reich’, ‘cultura’, ‘cristianismo’.” “Um problema de educação sem equivalente”.<sup>122</sup>

Uma educação para a cultura, ou seja, que coopere para a expansão da vontade de potência, implica a criação de si mesmo na solidão. Numa passagem de *Assim falava Zaratustra* intitulada *O convalescente*, os animais dizem a Zaratustra: “é melhor, convalescente, que prepares primeiro uma nova lira para ti, uma nova

---

<sup>118</sup> DÍAS GENIS, 2014, p. 24.

<sup>119</sup> NIETZSCHE, 2015, p. 64.

<sup>120</sup> DÍAS GENIS, 2014, p. 26.

<sup>121</sup> NIETZSCHE, 2009, p. 26.

<sup>122</sup> NIETZSCHE, 2015, pp. 64 e 67.

lira! Porque vê, Zaratustra, para teus novos cantos precisas de novas liras.” Aqui parece que Nietzsche está chamando a atenção para a necessidade de criação de novas linguagens. “Novos cantos precisam de novas liras”. Estas novas liras, estas novas linguagens, são pensamentos solitários que não tem lugar na comunicação do rebanho.<sup>123</sup>

Portanto, a proposta Nietzscheana de educação não tem nenhuma relação com a formação de homens comuns massificados, senão que considera que educar para a cultura deve consistir num processo que possibilite o cultivo de si de homens autônomos e livres. Para Nietzsche, a suposta autonomia que se pregava em seu tempo era, na verdade, uma heteronomia disfarçada, pois se fundamentava na necessidade de submissão dos indivíduos a certas normas criadas e impostas pela sociedade. Desta maneira, as ações destes não estavam ligadas a determinações da sua própria consciência, senão da consciência social, do rebanho.

Para Nietzsche, ser autônomo não equivale à obediência a certos valores morais, pois, como já visto no capítulo anterior, os valores morais são mutáveis, já que devem de se submeter à vida, à interpretação, à arte, e não ao contrário.<sup>124</sup> Por isso Nietzsche questiona: “por que aferrar-se a este pedaço de terra, por que depender desta profissão, por que fazer caso sempre ao vizinho? Nada tão pequeno burguês como assumir como próprias opiniões e pontos de vista que a duzentas milhas de distância já não obrigam ninguém ao mais mínimo.”<sup>125</sup>

Portanto, a pedagogia de Nietzsche se fundamenta na compreensão do indivíduo como criador, como artista que constroi novos valores a partir do exercício da sua liberdade.

Nos estabelecimentos de ensino da Alemanha de Nietzsche a ideia de liberdade se fundamentava nos valores consolidados pelo capitalismo, os quais se ligavam a aspirações consumistas. Implicava um conceito de liberdade relacionado a fatores econômicos e financeiros. Ser livre equivalia à satisfação de desejos de consumo, o que requeria como meio a obtenção de dinheiro, e para obter tal

---

<sup>123</sup> MOSÉ, 2014, p. 129.

<sup>124</sup> VON ZUBEN, MEDEIROS, 2013, p. 79.

<sup>125</sup> NIETZSCHE, 2009, p. 26.

dinheiro era preciso trabalhar.<sup>126</sup> Mas tal liberdade jamais se alcança, pois sempre surgem novos sonhos de consumo que tornam o homem um consumidor eterno fazendo com que este, ao invés de consumir para viver, viva para consumir.<sup>127</sup>

Parte das críticas observadas até o momento podem ser feitas também às sociedades da atualidade. Tal conceito de liberdade se observa ainda hoje na nossa sociedade e talvez de maneira mais acentuada e arraigada do que na época de Nietzsche, liberdade esta que se traduz numa proposta consumista e que, em parte, se origina e se consolida socialmente nos estabelecimentos de ensino.<sup>128</sup> No seu tempo, Nietzsche considerava que o que as escolas faziam com a juventude era “um treinamento brutal, com o propósito de preparar vastos números de jovens, no menor espaço de tempo possível, para se tornarem usáveis e abusáveis, a serviço do governo”.<sup>129</sup> E hoje poderia ser dito também “usáveis e abusáveis a serviço da economia”.<sup>130</sup>

As escolas da atualidade não visam ao desenvolvimento da vontade de potência dos indivíduos, senão à formação dos mesmos para a satisfação dos interesses econômicos da sociedade, do rebanho. Assim, a criança entra para a escola com a finalidade de receber passivamente conteúdos que a capacitem para a inserção futura no mercado laboral, e os conteúdos que recebe não se relacionam com seus próprios interesses, pois estes são colocados nos programas e nas grades curriculares previamente sem se considerar quem sejam nem as diferenças que existam entre as crianças que os irão aprender. Quem decide os conteúdos que devem ser ensinados são os “homens do governo”, e tais conteúdos se relacionam com os interesses econômicos do Estado e do Rebanho.<sup>131</sup>

Inclusive, a identidade do adulto, do formado, passa geralmente a ser relacionada com a sua profissão, a qual é consequente da formação que recebeu nas instituições de ensino. Como diz Rubem Alves, “os adultos são a profissão que

---

<sup>126</sup> VON ZUBEN, MEDEIROS, 2013, p. 81.

<sup>127</sup> VON ZUBEN, MEDEIROS, 2013, p. 81. Cf. Nota 51.

<sup>128</sup> VON ZUBEN, MEDEIROS, 2013, p. 81.

<sup>129</sup> NIETZSCHE, apud, ALVES, 1994, p. 18.

<sup>130</sup> ALVES, 1994, p. 18.

<sup>131</sup> ALVES, 2005, p. 30.

exercem”, “o que fazem para ganhar dinheiro”. E a finalidade da formação é a inserção no mercado laboral, a consolidação e manutenção do sistema vigente.<sup>132</sup>

Portanto, este tipo de educação nega e despreza a vontade de potência da criança, não se interessa pelas diferenças, não considera o *únicum*. Sua finalidade é formar, fazer com que crianças absolutamente únicas e diferentes se tornem iguais, assumam a mesma forma, sejam formadas. “As escolas existem para transformar crianças que brincam em adultos que trabalham”.<sup>133</sup>

Mas, para Nietzsche, a verdadeira educação, a educação para a elevação da cultura, somente pode ser cultivada, como já afirmado, na solidão. No prólogo de *Assim falava Zaratustra* Nietzsche escreve:

Quando Zaratustra tinha 30 anos de idade deixou a sua casa e o lago de sua casa e subiu para as montanhas. Ali ele gozou do seu espírito e da sua solidão, e por dez anos não se cansou. Mas, por fim, uma mudança veio ao seu coração e, numa manhã, levantou-se de madrugada, colocou-se diante do sol, e assim lhe falou: Tu, grande estrela, que seria de tua felicidade se não houvesse aqueles para quem brilhas? Por dez anos tu vieste à minha caverna: tu te terias cansado de tua luz e de tua jornada, se eu, minha águia e minha serpente não estivéssemos à tua espera. Mas a cada manhã te esperávamos e tomávamos de ti o teu transbordamento, e te bendizíamos por isso.

Eis que estou cansado na minha sabedoria, como uma abelha que juntou muito mel; tenho necessidade de mãos estendidas que a recebam. Mas para isso, eu tenho que descer às profundezas, como tu o fazes na noite e mergulhas no mar... Como tu, eu também devo descer... Abençoa, pois, a taça que deseja esvaziar-se de novo...<sup>134</sup>

A expansão da vontade de potência somente pode acontecer na solidão, onde a linguagem não está submetida à moral do rebanho nem à consciência social, a consciência da massa. A felicidade de Zaratustra começa na solidão: “uma taça que se deixa encher com a alegria que transborda do sol”. Zaratustra se torna feliz

---

<sup>132</sup> ALVES, 2005, p. 21.

<sup>133</sup> ALVES, 2005, p. 42.

<sup>134</sup> NIETZSCHE, 2011, pp. 19-20. Cf. ALVES, 1994, p. 8.

no encontro com a natureza, com a vida, não com verdades, as quais são determinações construídas sempre a partir de palavras elevadas a valores eternos que pretendem dar à vida uma ordem que esta em si mesma não apresenta.

Mas isto não significa que Nietzsche esteja propondo que o homem deva afastar-se completamente do resto da humanidade, pois chega o tempo em que a taça se enche e não pode conter mais em si aquilo que recebeu. Assim acontece com a abelha que já não pode mais segurar o mel que ajuntou, “ou com o seio, turgido de leite, que precisa da boca da criança que o esvazie”. A felicidade solitária é muito dolorosa. É necessária a experiência de uma alegria maior, a de compartilhar com os homens a felicidade e a riqueza acumulada. Assim, Zaratustra, o sábio, se transforma em mestre, pois ser mestre implica ensinar a felicidade.<sup>135</sup>

Desta maneira, o homem que expande sua vontade de potência torna-se modelo da humanidade. O modelo da humanidade, o mestre, de maneira nenhuma pode ser um especialista, pois este tipo de homens representam unicamente uma visão mutilada da humanidade. O modelo da humanidade é íntegro e cria a si mesmo na solidão observando o exemplo de outros grandes mestres que se constituem como um faro para os homens.

Para atingir tal propósito, o homem deve conseguir vencer os ídolos do rebanho, a cultura e a educação do seu tempo. O principal destes ídolos é o Estado. O Estado representa o contra sentido da educação, pois não pensa no bem estar da humanidade, não se interessa pelo desenvolvimento da vontade de potência e da consequente autonomia dos indivíduos, senão que trabalha em função da utilidade com a pretensão de gerar empregados para sua própria consolidação e manutenção.<sup>136</sup> Assim o expressa Nietzsche:

Estados? O que é isso? Abram bem os ouvidos, porque vou lhes falar da morte dos povos! Estado é o nome do mais frio de todos os monstros frios. Friamente mente; eis a mentira que sai se arrastando da sua boca: ‘Eu, o Estado, sou o povo’. É uma mentira! Destrutores são os que enredam a grande número e chamam a isso um Estado; suspendem sobre eles uma

---

<sup>135</sup> ALVES, 1994, p. 9.

<sup>136</sup> DÍAS GENIS, 2014, pp. 25-26.



espada e cem apetites [...]. O Estado foi inventado para os superfluos! Vejam como atrai aos superfluos, como os deixa estreitos, como os mastiga e os ruma!<sup>137</sup>

Portanto, o Estado e as instituições de ensino que o representam não podem educar, pois sua finalidade é estreitar, sujeitar, mastigar e ruminar os indivíduos. Mas segundo Nietzsche, “teus verdadeiros educadores e formadores te revelam o verdadeiro sentido originário e a matéria básica do teu ser, algo impossível de ser educado ou formado [...]. Teus educadores não podem ser senão os teus libertadores”.<sup>138</sup>

Um educador não é alguém que ensina ao homem o caminho que este deve seguir, porque cada ser humano é único. Ninguém, diz Nietzsche, “pode construir-te a ponte pela qual atravessarás a correnteza da vida. Ninguém a exceção de ti mesmo. Há sem dúvida inúmeros sendeiros, pontes e semi deuses que querem te levar através do rio; mas somente ao preço de ti mesmo: terias que entregar a ti mesmo e perder-te”.<sup>139</sup> No mundo, pensa Nietzsche, existe somente um caminho que cada indivíduo sozinho pode seguir. “Aonde conduz?”, pergunta o filósofo, e responde: “Não perguntes, segue-o”.<sup>140</sup> E também diz:

Este é o segredo de toda formação: não proporciona próteses, narizes de cera, nem olhos de cristal. O que estes dons podem dar é uma mera caricatura da educação. Porque educação não é senão libertação. Arranca o joio, retira os escombros, afasta o verme que destrói os tenros germes das plantas; irradia luz e calor; age como a benéfica chuva noturna; imita e implora à natureza no que esta tem de maternal e compassiva.<sup>141</sup>

O alvo da verdadeira educação é, portanto, ajudar ao indivíduo a que se torne o que é<sup>142</sup>, sem proporcionar próteses nem narizes de cera, ou seja, sem determinar

---

<sup>137</sup> NIETZSCHE, 2011, p. 57.

<sup>138</sup> NIETZSCHE, 2009, p. 29.

<sup>139</sup> NIETZSCHE, 2009, p. 28.

<sup>140</sup> NIETZSCHE, 2009, p. 28.

<sup>141</sup> NIETZSCHE, 2009, p. 29.

<sup>142</sup> “Tornar-se o que se é”, é justamente o subtítulo da auto biografia de Nietzsche, *Ecce Homo*. Sobre o significado de tornar-se o que se é, cf. VIESENTEINER, 2014, pp. 78-79.

mediante a imposição de ideais, princípios morais ou verdades, como o indivíduo deve pensar ou agir, pois como Nietzsche afirma em relação ao homem, “com ele não se faz a tentativa de alcançar um ‘ideal de ser humano’ ou um ‘ideal de felicidade’ ou um ‘ideal de moralidade’ – é absurdo querer empurrar o seu ser para uma finalidade qualquer. Nós é que inventamos o conceito de finalidade: na realidade não se encontra finalidade...”.<sup>143</sup>

Na verdadeira educação, portanto, é necessário libertar o ser humano de tudo aquilo que venha a impedir o desenvolvimento da sua vontade de potência, “arranca o joio, retira os escombros”, liberta o indivíduo de tudo aquilo que vise a dar a este uma forma que não é sua, pois se, como foi visto no segundo capítulo, toda verdade é meramente interpretativa, é ilusão, então não existe forma, pois a vida é vontade de potência, é vir a ser, e a linguagem é a atividade artística mediante a qual o homem interpreta a realidade, mas a arte, para Nietzsche, é afirmativa da vida quando é a vida que fala por meio da linguagem e não quando a linguagem, os conceitos, a verdade, tentam dar ordem à vida negando o movimento e a multiplicidade consequente de que esta seja vontade de potência.

Uma educação que promove liberdade e autonomia, portanto, é aquela que permite a expansão da vontade de potência, que aceita o movimento constitutivo de tudo o que vive e que, portanto, estabelece novamente “a inocência do vir-a-ser”.<sup>144</sup>

Se, como foi visto, o niilismo é a lógica da negação e se fundamenta numa avaliação da vida realizada a partir de valores considerados superiores à própria vida, a superação do niilismo é possível mediante uma educação não idealista, senão afirmadora da vida como ela é, ou seja, como expansão da vontade de potência. Este é o conceito nietzscheano de *Amor Fati*. Em palavras de Nietzsche: “nada querer diferente, seja para trás, seja para a frente, seja em toda a eternidade, não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo... mas amá-lo”.<sup>145</sup> E no aforismo 276 de *A gaia ciência* intitulado *Para o ano novo*, Nietzsche diz:

---

<sup>143</sup> NIETZSCHE, 2017, p. 39.

<sup>144</sup> NIETZSCHE, 2017, p. 39.

<sup>145</sup> NIETZSCHE, 2015, p. 49.

Quero dizer o que desejo para mim mesmo e que pensamento, este ano, me veio primeiramente ao coração – que pensamento deverá ser para mim razão, garantia e doçura de toda a vida que me resta! Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: - assim me tornarei um daqueles que fazem belas as coisas. *Amor fati* [amor à vida como ela é]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!<sup>146</sup>

---

<sup>146</sup> NIETZSCHE, 2016, p. 166.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como finalidade apresentar as principais reflexões sobre educação de Friedrich Nietzsche, assim como relacionar as mesmas à educação na contemporaneidade, visando à compreensão da necessidade de um modelo educativo comprometido com o desenvolvimento da vontade de potência dos indivíduos.

Foi explanado, no primeiro capítulo, o pensamento do filósofo em relação à vida, a qual, na sua concepção, é vontade de potência, mudança constante, vir a ser, força, expansão. O ser humano, não obstante, é a vida onde tal vontade pode ser manifesta de maneira ativa, no sentido de que pode ser expandida conforme o fluxo natural da vontade de potência, ou reativa, pois pode vir a ser reprimida tornando-se contra o próprio indivíduo.

Para Nietzsche, a história do pensamento ocidental está marcada pelo niilismo, pela reação contra a vontade de potência a partir de avaliações feitas à vida fundamentadas em valores superiores à própria vida. A primeira etapa do niilismo teria tido início com o pensamento socrático-platônico, o qual, segundo Nietzsche, supervalorizou a dimensão racional humana e desprezou os instintos e, posteriormente, com a consolidação do Cristianismo, o qual Nietzsche considerou Platonismo para o povo.

Tanto o Platonismo quanto o Cristianismo, pensa o filósofo, são propostas morais que se fundamentam na negação da vida. Platão considerou o mundo das ideias como sendo o mundo verdadeiro e desprezou a vida, a sensibilidade, o devir, e o Cristianismo propôs a negação desta vida pela esperança no Reino dos céus.

Na modernidade, segundo Nietzsche, a crença nos valores cristãos foi substituída pela fé na ciência, na razão e no progresso. Desta maneira, o homem moderno reagiu contra Deus mas criou para si um novo ideal de negação da vida.

O século XIX, para Nietzsche, está marcado pela morte de Deus, pelo fracasso de todos os ideais metafísicos da cultura ocidental, o que levou os homens ao estado de desilusão consequente da constatação de que já não haveria aperfeiçoamento humano. E, na concepção do filósofo, a superação do niilismo

pessimista seria possível pela transvaloração de todos os valores e pela formação de um novo tipo de homem impregnado do ideal dionisíaco consequente da possibilidade da expansão da vontade de potência.

No segundo capítulo deste trabalho apresentou-se o pensamento de Nietzsche sobre a verdade. Se a vida é vontade de potência e, portanto, constante transformação, toda verdade é, pensa o filósofo, mera ilusão, e se fundamenta numa interpretação antropológica da realidade. Mas a capacidade de interpretar a realidade por parte do homem, que Nietzsche chama de arte, não necessariamente se constitui como negação da vida, senão que pode ser afirmativa quando submetida ao fluxo da vida, da vontade de potência. A verdade, ao contrário, se constitui como a arte que foi assumida como valor absoluto, que foi utilizada como ilusão para negar a realidade e imposta como moral do rebanho. Como foi visto, é o medo da pluralidade e da transformação constante da realidade o que leva aos homens a criar verdades e impô-las como signo do rebanho, como mecanismos de controle social que visam a eliminar as diferenças entre os indivíduos.

Mas se a vida é vontade de potência, é necessária a constante criação de novos valores que respondam ao fluxo da mesma. Trata-se de submeter a linguagem à vida e não de negar a vida submetendo a mesma à linguagem.

As críticas de Nietzsche às instituições de ensino do seu tempo, das quais tratou-se na terceira parte deste trabalho, se fundamentam em que as mesmas, justamente, não se preocupavam pela elevação cultural dos indivíduos, pela expansão da vontade de potência dos mesmos, senão que visavam formá-los com a finalidade de consolidar o instinto de rebanho consequente dos interesses do Estado e do Mercado. E foi visto como tais princípios ainda são o fundamento das propostas educativas do nosso tempo.

Para Nietzsche, uma proposta educativa que tem como finalidade formar profissionais a serviço de interesses mercantis não educa, senão simplesmente ensina a sobreviver. Mas uma educação para elevação cultural deve estar fundamentada na possibilidade da expansão da vontade de potência dos indivíduos e, portanto, visa à liberdade e à autonomia dos mesmos. E este tipo de educação somente pode acontecer pela valorização da solidão, mediante a qual é possível

criar novos valores que se relacionem com os interesses dos indivíduos a partir da sua relação com a vida, da sensibilidade, ao invés de submeter os mesmos aos interesses do sistema vigente.

As críticas de Nietzsche, portanto, são de fundamental importância na atualidade, onde se constata que muitas instituições de ensino oferecem propostas de formação que negam a vida em nome dos interesses do Estado e do Mercado. Onde o potencial dos alunos é desprezado e aprisionado por grades curriculares e programas de ensino cujo planejamento não considera no mais mínimo os interesses dos mesmos; onde ainda se percebe uma educação de cunho platônico, que valoriza mais as ideias do que a sensibilidade, fazendo com que o aluno não sinta, muitas vezes, o mais mínimo prazer ao assistir à escola ou, inclusive, à universidade, por não identificar nenhuma ou pouca relação entre o que em tais instituições se ensina e a vida como realmente se apresenta e, portanto, requer como valor individual; onde se lê literatura não para sentir prazer, senão para fazer análise sintática; onde se ensinam verdades que supostamente seriam determinações *a priori* da consciência, como, por exemplo, o imperativo categórico kantiano, como se, de fato, ao realizar qualquer ação da vida cotidiana, os homens realmente perguntassem a si mesmos o que aconteceria se a máxima que regiu tal ação se tornasse lei universal; onde se propagam, muitas vezes, ideologias da opinião pública como se fossem verdades de valor absoluto, procurando, de tal maneira, a negação da multiplicidade e a consolidação do instinto de rebanho, e demonstrando um profundo desprezo por aqueles que não se interessam no mais mínimo pelas mesmas, desprezando, de tal maneira, a vida. Pois a vida não é o que se acredita que deveria ser, senão o que de fato é.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO N; VISALBERGHI. A. *Historia de la Pedagogia*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. São Paulo: Editora Ars Poética, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Cantos do pássaro encantado*. São Paulo: Planeta, 2017.
- \_\_\_\_\_; DE SOUZA, Mauricio. *Pinochio às avessas*. São Paulo: Verus, 2005.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Edipro, 2012.
- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- DÍAS GENIS, Andrea Marta. *El genio y lo genuino que hay en nosotros, vigencia del pensamiento educativo em Nietzsche*. Filosofia e educação – ISSN 1984-9605. Volume 6, número 1, Fevereiro de 2014.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas*, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- \_\_\_\_\_. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.
- FROMM, Erich. *O dogma de Cristo e outros ensaios sobre religião, psicologia e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- GIACOIA JR, Osvaldo. *Nietzsche*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Nietzsche & para além de bem e mal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, s/ano.
- HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche*. Tomo I. Barcelona: Ediciones Destino, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Que é uma coisa?* Lisboa: Edições 70, 1987.
- JASPERS, Karl. *Nietzsche*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana sociedad anónima, 1963.
- JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e religião oriental*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. *Felicidade*. Dos filósofos pré-socráticos aos contemporâneos. São Paulo: Editora Claridade, 2007.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia*. Textos de Rohde, Wagner e Wilamowitz-mollendorff. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche e a verdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

MOSÉ, Viviane. *Nietzsche e a grande política da linguagem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

\_\_\_\_\_. *A Filosofia na Era Trágica dos Gregos*. São Paulo: Hedra, 2008.

\_\_\_\_\_. *Além do bem e do mal*. Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. *Así habló Zaratustra*. Madrid: La esfera de los libros, 2011.

\_\_\_\_\_. *Ecce Homo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

\_\_\_\_\_. *Escritos sobre Educação*. Rio de Janeiro: Editora PUC RIO; Edições Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. *O Crepúsculo dos ídolos*. Curitiba: Hemus, 2001.

\_\_\_\_\_. *O Livro do Filósofo*. São Paulo: Editora Escala, 2013.

\_\_\_\_\_. *O Nascimento da Tragédia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

\_\_\_\_\_. *Schopenhauer como educador*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva S. L, 2009.

\_\_\_\_\_. *Sobre verdade e mentira*. São Paulo: Hedra, 2012.

\_\_\_\_\_. *Vontade de Potência*. Petrópolis: Vozes, 2017.

PESSOA, Fernando. *O livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

\_\_\_\_\_. *Poemas de Álvaro de Campos*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

\_\_\_\_\_. *Poesia Completa de Alberto Caeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

REALE, Giovanni. *O Saber dos Antigos: Terapia para os tempos atuais*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.



RUSSELL, Bertrand. *História do pensamento ocidental*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. *O homem como uma somatória unitária de Erlebnisse (vivências) em Nietzsche*. Filosofia da Educação – ISSN 1984-9605. Volume 6, numero 1, Fevereiro de 2014.

VON ZUBEN, Marcos de Camargo; MEDEIROS, Rodolfo Rodrigues. *Nietzsche e a educação: autonomia, cultura e transformação*. Trilhas Filosóficas – Revista Acadêmica de Filosofia, Caicó-RN, ano VI, n.1, p. 71-93, jan.-jun. 2013. ISSN 1984-5561.